



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

Para uma semiótica do olfato

Toward a semiotics of olfaction

Autora: Débora dos Santos S. Rosa
Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil
Edição: RUS, Vol. 14. Nº 24
Publicação: Maio de 2023
Recebido em: 08/09/2022
Aceito em: 05/12/2022

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2022.201970>

ROSA, Débora dos Santos S.
Para uma semiótica do olfato.

RUS, São Paulo, v. 14, n. 24, pp. 370-386, 2023.



Para uma semiótica do olfato

Débora dos Santos S.Rosa*

Resumo: Este artigo procura relacionar o olfato e seus impactos na subjetividade e na cultura a partir do conceito lotmaniano de fronteira. Para isso, a tópic da carnavalização bakhtiniana também será fundamental para pensar o corpo inserido nos conceitos citados. As reflexões semióticas, filosóficas e históricas aqui arroladas orbitam um objeto em comum: o olfato e seu caráter transgressivo no que tange às fronteiras, bem como suas representações – seja por odores corporais tidos como naturais, seja por perfumes elaborados por artistas da artesanaria própria deste objeto de luxo.

Abstract: This article seeks to relate sense of smell and its impacts on subjectivity and culture based the Lotmanian concept of frontier. To this end, the topic of Bakhtinian carnivalization will also be fundamental to think about the body inserted in the concepts mentioned above. The semiotic, philosophical and historical reflections herein orbit around a common object: the sense of smell and its transgressive character regarding borders, as well as its representations - whether by body scents taken as natural, or by perfumes made by artists of the craftsmanship of this luxury object.

Palavras-Chave: Carnaval; Corpo; Fronteira; Iúri Lotman; Mikhail Bakhtin; Olfato
Keywords: Carnival; Body; Border; Yuri Lotman; Mikhail Bakhtin; Olfaction

Introdução

* Universidade Federal Fluminense, Mestranda em Estudos Literários, na subárea de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura. <http://lattes.cnpq.br/7412048982906163>; <https://orcid.org/0000-0002-3229-7115>; deboraschwenck.pessoal@gmail.com.

Na história da perfumaria existe um caso que ficou relativamente famoso, na década de 1980: a proibição do uso do perfume Poison, da *maison* Christian Dior, em restaurantes e ambientes fechados que possuíam placas com os seguintes dizeres: “*No smoking. No Poison*”. Outro feito dessa fragrância icônica foi seu marco para a cultura da época na seguinte frase: “Mulher de respeito não fuma, não dança tango e não usa Poison”. O nome dado à criação do perfumista Edouard Flechier, lançada em 1985, não é sem razão ou mera provocação: a tradução direta para “veneno”, tanto do inglês como do francês, sugere uma contaminação universal pela fragrância densa e pungente comercializada até os dias de hoje que resultou, na época, em sua proibição por invadir os espaços comuns, ultrapassar as fronteiras individuais e intoxicar as pessoas ali presentes.

Tendo em vista este caso, a proposta é pensar na relação olfato e sociedade, no que iremos chamar de *semiosfera social olfativa* e mais especificamente: como o olfato ultrapassa essas fronteiras entre o eu e o outro até chegarmos na ambivalência morte e vida, presente no texto de Bakhtin sobre Rabelais.

Um adentramento no conceito de fronteira de Iúri Lotman

Esmiuçar o conceito lotmaniano é fundamental para compreender neste estudo como o olfato transpassa a fronteira e quais são as delimitações e características da mesma. Buscando, pois, esse entendimento, Lotman considera que a fronteira:

[...] pode ser lida como uma linha que encerra uma periodicidade. Esse espaço é definido como “nosso”, “próprio”, “cultural”, “seguro”, “harmonicamente organizado” e assim por diante. A ele é oposto “o espaço deles”, “alheio”, “hostil”, “perigoso” e “caótico”.¹

Para o semiótico, o que definiria a fronteira não seria necessariamente uma linha, um muro em específico, mas justamente a oposição, a existência do outro que é diferente do eu e por isso incomoda, se faz notar. Esse espaço a ser ocupado ou transgredido, delimitante, também pode ser preenchido pelo olfato: pelo cheiro que é familiar e o cheiro do outro, do alheio.

Para que se possa relacionar mais propriamente o corpo nesta linha de pensamento, consideremos que, segundo Lotman, “Não são menos importantes os fatores físicos constantes do corpo humano que determinam as relações com o mundo circundante.”² O corpo, o espaço e a sua interação com as diversas fronteiras que se entrecortam – sociais, religiosa, etc – se relacionam. O movimento de raciocínio proposto neste primeiro momento vem, então, destacando o conceito de fronteira lotmaniano a fim de que mais adiante seja possível compreender como o olfato a transgride.

Tendo ciência dessa relação do corpo com o mundo, de sua característica fronteira com os demais corpos e com a semiosfera da cultura em que circula, ao identificar a fronteira entre um espaço formal e outro informal, o sujeito porta-se de modo diferente justamente por compreender as fronteiras existentes entre estas situações e as demandas de novas

1 LOTMAN, Iúri. “O Conceito de fronteira”, 2016, p. 243.

2 LOTMAN, Iúri. “O Conceito de fronteira”, 2016 p. 244.

normas para a coexistência do “eu” e do “outro”. Porém, essas normas são passíveis de alterações, dependendo do lugar em que se esteja: na fronteira, na periferia ou no centro.

Uma vez que entendemos a fronteira como o *entre-lugar*, também poderemos compreender que, por receber influências dos dois lados, é nela que surge o bilinguismo e os demais desdobramentos dessa semiosfera. Lotman detalha esse fenômeno da seguinte forma:

Entretanto, os pontos mais “quentes” dos processos semióticos são as fronteiras da semiosfera. O conceito de fronteira é ambíguo. Por um lado, ela separa; por outro, une. Ela sempre é uma fronteira com algo mais e, por conseguinte, pertence a ambas as culturas fronteiriças, a ambas as semiosferas adjacentes. A fronteira é bilingual e polilingual. A fronteira é um mecanismo de tradução dos textos da semiótica alheia para a “nossa” linguagem, o lugar de transformação do “exterior” em “interior”, é uma membrana filtrante que transforma os textos alheios a tal ponto que eles integram a semiótica interna da semiosfera permanecendo, no entanto, estranhos.³

O mecanismo de tradução que surge na fronteira – de costumes, idiomas e demais constituintes da cultura – é fruto da convivência com os dois lados da semiosfera. Essa tradução nasce justamente da leitura fronteiriça das informações que vêm das partes, fazendo então que esta separação entre os entes seja mais uma delimitação imaginária do que de fato um conceito limítrofe. E, dentro desses processos, existe ainda a hierarquia dos signos, como irá elucidar Lotman:

A imagem da fronteira que separa o espaço externo da semiosfera do interno é apenas uma divisão primária e grosseira. [...] A presença das fronteiras particulares no interior da semiosfera cria um sistema multinível [...]. Naturalmente, para tudo isso existe uma hierarquia de códigos e, na realidade única da semiosfera, são ativados diferentes níveis de significação.⁴

As traduções possíveis desses signos e de outras informações que coexistem ou passam da fronteira nascem das

3 LOTMAN, Iúri. “O Conceito de fronteira”, 2016 p. 250-251.

4 LOTMAN, Iúri. “O Conceito de fronteira”, 2016, p. 252-253.

alterações que cada olhar geracional ou regional dispõe sobre o que veio da periferia para o centro ou vice-versa. Sendo assim, a cada contato feito, mais informações são depositadas. Segundo Lotman:

A presença de diversas fronteiras dentro do espaço semiótico cria, para qualquer mensagem que circule em seu interior, uma situação de múltiplas traduções e transformações, acompanhadas pela geração de uma nova informação, que aumenta como uma avalanche.⁵

Contudo, mesmo que existam diversas possibilidades de enriquecimento da semiosfera que nascem dessas traduções, existem conceitos que são amplamente compreendidos, independente de que lado desse sistema se encontra o indivíduo. E é dentro deste universo compartilhado de significantes que está o olfato e tudo o quanto ele percebe. O que é aceito ou rejeitado pelo homem e pelo seu nariz encontra em todos os lados da semiosfera seus correspondentes no que tange a potência, agradabilidade ou total rejeição. E é considerando esses aspectos, compreendendo o que seria a fronteira e o que dela nasceria, que poderemos pensar em como o olfato a ultrapassa.

O olfato: transgressor das fronteiras entre o eu e o outro

Entre o individual e o coletivo, o que é comum e exclusivo, existe essa área intercessora que é a fronteira: o ponto de contato entre os lados, prenhe de novas leituras e percepções.

Se voltarmos um pouco os olhos para a história da humanidade e a sua relação com o olfato, podemos nos surpreender com o quanto ele está presente, muitas vezes de forma quase determinante, embora quase sempre no pano de fundo das relações do homem com o mundo e com o outro. Podemos encontrá-lo nas cerimônias sagradas de diversas religiões no uso do incenso, de óleos perfumados, resinas e outros itens fragrantes usados como símbolo do divino, do que conecta o

5 LOTMAN, Iúri. "O Conceito de fronteira", 2016, p.255.

mundano ao celestial. Também o encontramos como indicador de insalubridade nas reformas higienistas das cidades e hospitais. E, não menos relevante, como parte do ritual do relacionamento entre pessoas, como artifício ou fator determinante para aceitação ou exclusão, afinal de contas, o “mau odor” costuma incomodar e afastar.

No livro *Filosofia do odor* publicado em 2014 por Chantal Jaquet, a autora propõe uma reflexão filosófica sobre a história do odor e suas conexões com a humanidade. Para iniciarmos essa série de considerações sobre a potência dos odores nas relações humanas, iremos considerar inicialmente o incômodo promovido por ele como fator presente nas interações sociais. Jaquet dirá que: “[...] o olfato aparece como o sentido insociável por excelência; ele não favorece a comunicação em razão do asco que suscitam os odores do outro, seu hálito, suas micções.”⁶

O outro, o alheio, retorna então como a representação olfativa, ou melhor, como o espaço fragrante que este ocupa na *semiosfera social olfativa*. Assim, cheirar, sentir o que exala do outro, nem sempre se dá como um convite para transpassar essa fronteira, como aconteceria em uma refeição. “Se o paladar é um sentido social por excelência, o olfato é antissocial.”⁷

Sem limitar-se à vontade de nenhuma das partes, o odor transpassa as fronteiras sociais e se coloca não somente diante do outro, mas por carregar em si uma representação tão carregada de individualidade – seja por PH, genética ou mesmo escolha de um perfume –, põe-se a adentrar o corpo e a percepção alheia.

O odor invade, penetra, trazendo assim dano à liberdade de escolha e à intimidade. O fedor de graxa ou os eflúvios tenazes de um perfume capitoso se impõem às narinas e se intrometem na intimidade do sujeito. Tudo se passa como se incorporássemos o corpo do outro sem qualquer possibilidade de recusá-lo.⁸

6 JAQUET, 2014, p. 39.

7 JAQUET, 2014, p. 40.

8 JAQUET, 2014, p. 39.

Em contraponto com o incômodo que o cheiro pode causar por seu caráter intrusivo e sua possível barreira na socialização, o olfato também possui uma outra faceta. Retomando as possibilidades nascentes da/na fronteira, embora, como considerado por Lotman, existam signos que possuem significado em comum em ambas as partes que a circundam, o olfato também pode assumir, em um polo totalmente inverso, um caráter de familiaridade e pertencimento. Indivíduos da mesma família partilham de genes similares que possibilitam um reconhecimento pelo cheiro, bem como, no âmbito da artesanaria própria da perfumaria, algumas notas olfativas podem transmitir conforto, como, por exemplo, o cheiro da madeira de sândalo. Nesse caso, Jaquet comenta:

Cheirar o outro pode ser, portanto, um sinal de acolhimento e de hospitalidade. [...] Consequentemente, numa grande quantidade das culturas não há repugnância ante o odor do outro, nem dificuldade ou desconfiança em ser cheirado.⁹

Por que, então, o olfato como sentido e o odor como seu veículo seriam transgressores de fronteiras? O incômodo de sentir o outro, o alheio, se daria por uma sensação de violação?

Jaquet irá considerar que não somente pelas exposições feitas até o momento – naquilo que se relaciona à socialização e à absorção do outro pelo cheiro –, mas a recusa ou a estigmatização do olfato, teria um arcabouço bem mais relacionado a um movimento humano de tentativa de distanciamento do que poderia ser selvagem, natural; uma tendência à artificialidade no processo de recusa do corpo. O que emana do corpo remete à naturalidade animalizada que concorre com os esforços evolutivos do homem.

É claro que todos os obstáculos examinados, fraqueza, bestialidade, selvageria, ou falta de urbanidade, testemunham um desejo de se distanciar da corporeidade e que a estigmatização do nariz é um dos avatares da vergonha do corpo em sua naturalidade. Assim, por trás da depreciação do olfato se pratica uma recusa do corpo e de sua sensualidade, como tinha pressentido Nietzsche.¹⁰

9 JAQUET, 2014, p.43.

10 JAQUET, 2014, p. 44.

Partindo dessa relação do olfato com a sociedade humana, poderemos avançar e pensar sobre como a carnavalização em Rabelais, estudada por Bakhtin, se relaciona com a questão do corpo e as suas emanções. Mais particularmente: do nariz e suas captações.

Olfato e sociedade: a questão sobre o nariz e a carnavalização

No livro publicado por Mikhail Bakhtin *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais* (1987), dentre outros diversos temas abordados pelo autor, o corpo e como ele se relaciona com o outro e com o mundo é um dos que nos serão indispensáveis para pensar o nariz, os cheiros e suas relações com e na humanidade.

No capítulo cinco intitulado “A imagem grotesca do corpo em Rabelais e suas fontes”, Bakhtin retoma o conceito de fronteira quando expõe as considerações sobre o grotesco. O que o autor coloca neste contexto nos servirá para a reflexão proposta neste estudo, pois segundo Bakhtin, no momento das festividades populares entre as quais ele destaca o carnaval: “As fronteiras entre o corpo e o mundo apagam-se, assiste-se a uma fusão do mundo exterior e das coisas”.¹¹ Se partirmos dessa colocação e somarmos a ela o que Jaquet considera sobre o odor que adentra em quem o sente, esse apagamento das fronteiras entre corpo e mundo, proposto por Bakhtin, seguido de uma fusão completa, recebe ainda mais potência. O ato de aspirar ou inalar o outro e o mundo dilui a separação dessas entidades e incorpora o sujeito, de tal maneira que um cheiro é capaz de provocar lembranças, dores, náuseas. O corpo então torna-se permeável, alterável, construível:

[...]o corpo grotesco é um corpo em movimento. Ele jamais está pronto nem acabado: está sempre em estado de construção, de criação, e ele mesmo constrói outro corpo; além disso, esse corpo absorve o mundo e é absorvido por ele [...].¹²

11 BAKHTIN, 1987, p.270.

12 BAKHTIN, 1987, p.277.

Essa permeabilidade do corpo por onde as emanções podem adentrar e integrar o sujeito se dá pela porta que está ali, no meio do rosto, projetando-se para fora dele, rompendo a fronteira do corpo individual e lançando-se ao coletivo e que, na maior parte das vezes, é vista como acessório para compor a fisionomia: o nariz. Sobre ele, Bakhtin dirá que:

Dentre todos os traços do rosto humano, apenas a boca e o nariz (estse último como substituto do falo) desempenham um papel importante na imagem grotesca do corpo. As formas da cabeça, das orelhas e também do nariz, só tomam caráter grotesco quando se transformam em figuras de animais ou de coisas. [...] pois interessa-se por tudo que sai, procura sair, ultrapassa o corpo, tudo o que procura escapar-lhe. Assim, todas as excrescências e ramificações têm nele um valor especial, tudo o que em suma prolonga o corpo, reúne-o aos outros corpos ou ao mundo não-corporal.¹³

Compartilhando com a boca e outros orifícios de certo protagonismo na esfera do grotesco, o nariz não é apenas tomado para a carnavalização de sua imagem, mas sua função primária e primal é potencializada na chave da sexualidade. Bakhtin dirá que: “O que nos interessa é o motivo do nariz, um dos motivos grotescos mais difundidos na literatura mundial, e em quase todas as línguas [...]. O nariz é sempre o substituto do falo”.¹⁴

Como figura substituta do falo que desperta o homem para o impulso mais animalesco, o nariz compõe uma ruptura do *meu* e do *seu*, propondo a inauguração de um *nosso*. Se retornarmos por um momento o caso do perfume *Poison*, citado no início deste texto, e o impacto social que essa fragrância causou, quanto mais voltamos no tempo e nas considerações e representações do nariz, mais nítida se torna essa relação citada por Bakhtin entre o nariz e o falo; o incômodo causado por um perfume e sua relação com um tipo de violação da decência pudica, mostram-se herança desse histórico.

13 BAKHTIN, 1987, p.276-277.

14 BAKHTIN, 1987, p.276.

A comprovação desse raciocínio é encontrada mais adiante no texto do autor russo, quando ele realiza o levantamento de uma informação que, cinco séculos adiante, ainda é popular:

Laurent Joubert, jovem contemporâneo de Rabelais, célebre médico do século XVI cuja teoria do riso já expusemos, é autor de um livro sobre os preconceitos populares em matéria médica. No Quinto Livro, cap. IV, ele fala de uma *crença solidamente estabelecida no espírito popular, segundo a qual se pode julgar o tamanho e a potência do membro viril pela dimensão e forma do nariz*.¹⁵

Quando nos deparamos com os muitos movimentos higienistas – das cidades, da população e até mesmo da própria língua –, podemos notar que este movimento se repetiu para além da vida prática e seguiu para a semiosfera social; juntamente com eles, a busca de uma vedação do corpo, antes construível, passa a assumir um caráter fundamental.

O nariz e tudo o mais que se relaciona com o mundo, o outro e a transgressão das fronteiras, são postos de lado a fim de preservar o individual, o exclusivo. Bakhtin considera que na Modernidade houve uma mudança brusca em relação à percepção do corpo:

A propriedade característica do novo cânon - ressalvadas todas as suas importantes variações históricas de gênero - é um corpo perfeitamente pronto, acabado, rigorosamente delimitado, fechado, mostrado do exterior, sem mistura, individual e expressivo. Tudo o que sai, salta do corpo, isto é, todos os lugares onde o corpo franqueia os seus limites e põe em campo um outro corpo, destacam-se, eliminam-se, fecham-se, amolecem. Da mesma forma se fecham todos os orifícios que dão acesso ao fundo do corpo. Encontra-se na base da imagem a massa do corpo individual e rigorosamente delimitada, sua fachada maciça e sem falha. Essa superfície fechada e unida do corpo adquire uma importância primordial, na medida em que constitui a fronteira de um corpo individual fechado, que não se funde com os outros. Todos os sinais que denotam o inacabamento, despreparo desse corpo, são escrupulosamente eliminados, assim como todas as manifestações aparentes da sua vida íntima.¹⁶

15 BAKHTIN, 1987, p.276; grifo meu.

16 BAKHTIN, 1987, p. 279

Após considerar o conceito de fronteira, como o olfato seria uma ultrapassagem da mesma e, como o corpo carnalizado se insere nesse contexto, o próximo passo desenha-se então pela seguinte questão: como o corpo, que de expandido e integrável tornou-se individual e vedado, poderia seguir vivo?

Se o corpo grotesco, com seu nariz, é um corpo em movimento, pará-lo seria morrer.

Morte e vida do corpo e do nariz, segundo Bakhtin

Um caminho possível para nos aproximarmos de uma resolução à pergunta proposta seriam os processos de reflexão nascidos no período do Renascimento, que propuseram ao homem um lugar de identificação individual da humanidade no centro, que, mais adiante, nos séculos XVIII e XIX, se empenhará para apagar – ou ao menos camuflar – os cheiros do corpo e de suas excreções. O historiador Alain Corbin, em sua publicação *Saberes e Odores: o olfato e o imaginário social nos séculos dezoito e dezenove* (1987), faz um levantamento dos processos de sanitização que ocorreram no período mencionado e como estes processos impactaram a sociedade de diversas formas.

Neste momento, as considerações feitas por Corbin nos servirão para refletir como o corpo, que é individual e caminha para cessão de seu movimento, também deseja, para além de vedar-se, encobrir os aromas que exala. Para o historiador: “O horror tem seu poder; o desejo nauseabundo ameaça a ordem social; a reconfortante vitória da higiene e da suavidade acentua a sua estabilidade.”¹⁷ Os processos higienistas, considerando a potência dos cheiros como fator de ordem ou desordem social, promovem um triunfo sobre o controle do corpo e das suas extensões pelo olfato; se os odores corporais se aproximam da naturalidade e, conseqüentemente, fecundidade do corpo, a assepsia não apenas desodoriza mas esteriliza. O cheiro do suor, dos excrementos e de outras micções da natureza corporal, antes tomadas como fundamentais para a manutenção da vida no processo de carnavalização, passam a ser incômodas.

17 CORBIN, 1987, p.11.

Desaromatizar e higienizar o corpo e seus locais de pertencimento torna-se demanda fundamental, não somente para a manutenção da ordem social, mas principalmente do caráter de pureza, totalmente oposto ao carnavalesco. Corbin dirá que: “A fetidez do glutão, o azedume vinoso do bêbado, reforçam aquele fedor tradicional do pecador, que permitia a São Felipe Néri reconhecer as almas voltadas ao inferno. Assim se sustenta, a *contrário*, a crença na suavidade dos santos.”¹⁸

Na mesma esteira de distanciamento, porém na hierarquia social, Jaquet dirá que:

[...] o século XIX na França, principalmente, encontra apoio numa hierarquização olfativa. Ao perfume discreto da burguesia se opõe o fedor das classes trabalhadoras, indecentes e repugnantes. Em uma carta endereçada a Mme. Bonenfant datada de 2 de maio de 1842, Flaubert faz eco a essa repulsão na visão do povo: “Colocando à parte o fedor que meus vizinhos imperiais exalavam, os proletários que você viu no momento de minha partida, eu fiz um excelente retorno”.¹⁹

A tópica da hierarquia social se mostra indispensável para pensar o corpo no Carnaval, uma vez que, em Rabelais, as diversas castas sociais também participavam do processo de renovação advindo do grotesco: reis eram destronados e substituídos por outros, disformes, que assumiriam seus papéis; monastérios e igrejas abrigavam orgias e banquetes, entre outras atividades carnavalescas que, ao destruírem temporariamente as normas, recriavam a sociedade. Se o indivíduo se afasta deste processo, a manutenção do ciclo de renovação compromete-se.

O encerramento do corpo carnavalesco afasta consigo a retomada do nariz como símbolo do falo que detecta o cio e, conseqüentemente, a propensão para a atividade sexual do corpo que resulta na gestação da vida. No lugar da continuidade, o olfato é atribuído à animalidade, avessa aos anseios do homem do novo cânone, como considera Corbin: “[...] sentido do desejo, do apetite, do instinto, ele traz em si o selo da animalidade. Farejar igual ao animal. A impotência da linguagem para

18 CORBIN, 1987, p.55.

19 JAQUET, 2014, p. 82.

traduzir as sensações olfativas faria do homem, se esse sentido predominasse, um ser bloqueado para o mundo exterior."²⁰

O corpo individual e não sexual passaria, então, por um processo de higienização no sentido mais amplo do termo – físico, moral, espiritual – com suas cavidades e orifícios vedados à penetração e excreção, perderia sua capacidade de integrar-se ao outro, de se construir a partir do que recebe. Bakhtin pondera que:

Na verdade, o corpo individual está totalmente ausente da imagem grotesca vista no seu limite, pois essa é formada de cavidades e excrescências, que constituem o novo corpo começado; é de alguma forma a passagem de dupla saída da vida em perpétua renovação, o vaso inesgotável da morte e da concepção.²¹

A vida resultante da renovação do corpo é representada por tudo que a constitui: sem censuras ou exclusão. Seja o perfume das flores ou o odor fétido de uma decomposição que servirá de adubo a elas, tudo neste ciclo contribui e é recompensado.

Observemos ainda que o corpo grotesco é cósmico e universal, que os elementos aí sublinhados são comuns ao conjunto do cosmos - terra, água, fogo, ar;[...] esse corpo pode misturar - se a diversos fenômenos da natureza: montanhas, rios, mares, ilhas e continentes, e pode também encher todo o universo.²²

Fazer parte do processo de renovação intrínseco ao grotesco e à carnavalização demanda doação e recepção, senso de coletivo e de (re)construção; aceitar-se e reconhecer-se permeável, mutável para integrar essa ausência de fronteiras que não condizia com o destino para o qual a humanidade caminhava. O corpo construído carrega em si o *outro*, além da fronteira, que é dual justamente por isso: a partir de um dá-se a continuidade do próximo.

Porém o novo corpo, retido nos limites da fronteira, caminha para o encerramento, para a finitude: não há renovação, construção ou continuidade. Se na carnavalização existe a

20 CORBIN, 1987, p.12.

21 BAKHTIN, 1987, p. 278.

22 BAKHTIN, 1987, p. 278.

vida por um processo de constante renovação, e a este movimento opõe-se e instaura-se uma estagnação introvertida, a vida sai do ciclo de renovação, caminhando apenas para o seu fim. Segundo Bakhtin, o novo corpo se configura da seguinte forma:

O corpo do novo cânon é um único corpo; não conserva nenhuma marca de dualidade; basta-se a si mesmo, fala apenas em seu nome; o que lhe acontece só diz respeito a ele mesmo, corpo, individual e fechado. [...] Todos os atos e acontecimentos só têm sentido no plano da vida individual: estão encerrados nos limites do nascimento e da morte individuais desse mesmo corpo, que marcam o começo e o fim absolutos e não podem jamais se reunir nele.²³

No caminho da falta de renovação, o estigma e o apagamento que circundam esse novo *corpo individual* e, principalmente, seu nariz, encontram a morte, mesmo que esta se dê de forma simbólica, como encontramos no texto de Bakhtin:

[...] Por consequência, todos os acontecimentos que o afetam, têm uma única direção: a morte não é mais do que a morte, ela não coincide jamais com o nascimento; a velhice é destacada da adolescência; os golpes não fazem mais que atingir o corpo, sem jamais ajudá-lo a parir [...].²⁴

A morte para a cultura popular sempre é ambivalente, pois traz a ideia do renascimento, de uma nova vida. Já na visão moderna a morte é irremediável, é o fim. Daí o medo do cheiro. Deparando-se com a morte, o Carnaval, o nariz e a renovação da vida encontram-se com a reconstrução das fronteiras. O outro torna-se estranho, assume a posição de alheio e o caráter permeável do corpo que promovia trocas de todas as esferas que o circundava, passa a ser estéril, em nome da higienização.

Conclusão

O que foi proposto à reflexão neste estudo foram, principal e fundamentalmente, os seguintes tópicos: o conceito lotmaniano de fronteira, como o olfato ultrapassa essa construção e

23 BAKHTIN, 1987, p. 281.

24 BAKHTIN, 1987, p. 281.

onde ele se insere na *semiosfera social olfativa*. Também foi relacionado como o sentido olfativo e o nariz estão presentes na carnavalização, segundo Bakhtin em sua leitura de Rabelais, e como a vida carnavalesca do nariz se opõe à morte estéril do corpo inodoro no novo cânone.

Ao retomar o que Iúri Lotman considera a respeito da fronteira e de sua natureza, compreendemos que, para além da delimitação dos espaços e do que é próprio, alheio ou coletivo, existe neste local – figurativo ou não – um potencial de fertilidade. Se fizermos um movimento de leitura e aproximarmos o texto de Bakhtin dessas considerações, também podemos pensar que na fronteira é onde ainda resiste a carnavalização. Por sua permeabilidade, é neste limiar que os signos se reorganizam, recebem novos significados e estão em constante renovação. Existindo na coexistência, a fronteira interpreta e gera significados que circulam das partes que a circundam; é o lugar do novo, da interpretação por várias frentes.

Quando junto a estas informações pensamos no corpo, no nariz e no olfato, nos deparamos com questões de ordem ainda mais complexas: o cheiro passa pela fronteira e ocupa lugar dentro do corpo alheio, corporificando a carnavalização. Este processo em que, de forma quase antropofágica, há absorção do outro para que, mutuamente, ambos façam parte de uma nova maneira de existir, é muito bem representada pelo que o nariz capta. O nariz absorve o ambiente, o alheio e o que emana dele; toma para dentro do corpo o externo, engrossa com sua parte a sua leitura e o expira, pondo-o de volta no mundo, transformado.

Ainda considerando o corpo, seu nariz e seu olfato, não se pode esquecer que as emanções corporais que transgridem as fronteiras tornaram-se item das pautas de higienização e, por quê não dizer, de esterilização. Símbolo do falo e do falo animalesco, o nariz buscaria instintivamente o fértil para fecundá-lo e, daí, gerar nova vida. Contudo, estes traços fundamentais desse órgão, que, por seu *design*, já se lança para fora do corpo, tornaram-se alvo das censuras. Se, *a priori*, no Carnaval, o corpo em construção, com seus acessos e narizes

abertos, é oloroso, ao desodorizá-lo, a carnavalização perde um de seus meios de existir. Cessando o grotesco carnavalesco, interrompe-se o ciclo de renovação pela devoração, absorção e parto do novo.

Como resultado do processo de vedação, ao que Bakhtin chamara de *fundo do corpo*, surge o corpo individual, impenetrável. Uma vez que os orifícios, que funcionavam em espécie de mão dupla, excretando e absorvendo, agora estão selados, voltados apenas para a circulação interna, a fronteira se estabelece como barreira. De sítio frutífero e multilíngue, fecundado por várias leituras e possibilidades, a fronteira assume papel limitador e delimitador onde novamente o familiar e o alheio estão apartados.

Neste cenário, onde, citando Corbin, impera “a reconfortante vitória da higiene”, o olfato é rebaixado ao sujo, ao representante do animalesco e não do homem. Se os odores corporais participavam ativamente do Carnaval, do sexo e do renascimento, nesse novo *status*, o nariz torna-se acessório esquecido do rosto. Ou, se pensarmos em outros termos: a naturalidade é substituída pelo gosto do artificial, do que não é gerado pelo corpo, mas que pode emanar dele superficialmente, como perfume.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora HUCITEC, Editora Universidade de Brasília, 1987.

CORBIN, Alain. *Saberes e odores: o olfato e o imaginário social dos séculos dezoito e dezenove*. Tradução: Lígia Watanabe. Editora Companhia das Letras, São Paulo: 1987.

JAQUET, Chantal. *Filosofia do Odor*. Tradução: Maria Angela Mársico da Fonseca Maia e Michael Jean Maurice Vincent. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional (GEN) Forense Universitária, 2014.

LOTMAN, Iúri. "O Conceito de fronteira". Tradução de Ekaterina Vólkova Américo. In: BORGES FILHO, Oziris. *O espaço literário: textos teóricos*. Uberaba: Ribeirão Gráfica e Editora, 2016, p. 243-258.